

Pós-abolição no Mundo Atlântico entre experiências da diáspora na capital do Pará e o ensino de História: os negros barbadianos

MARIA ROSEANE CORRÊA PINTO LIMA
Universidade Federal do Pará/ Campus de Bragança
Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará-Maranhão
E-mail: roseanepinto@ufpa.br

As migrações na virada do século XIX para o século XX estão entre os fenômenos que marcaram o pós-abolição no Mundo Atlântico, a partir das quais é possível discutir variados aspectos das relações entre Américas, África e Europa. A Amazônia brasileira, nesse período, foi uma das áreas de atração de uma gama variada de migrantes em busca de trabalho e/ou melhores condições de vida, muitos dos quais vindos do Caribe. O objetivo deste trabalho é o de analisar as experiências de mulheres e homens negros que viveram a diáspora que ligou dois portos, o de Bridgetown, em Barbados, e o de Belém, no Brasil. Ao mesmo tempo, discutir como tais experiências nos possibilitam ampliar os debates sobre os negros tensionando visões construídas sobre os mesmos no ensino de História, focalizando “retratos” da capital do Pará no contexto de crescimento econômico com o comércio da borracha na região amazônica. Realizamos levantamento bibliográfico e pesquisa histórico-documental sobre essa imigração de negros para o Brasil, atentos para o fenômeno mais amplo de migrações de trabalhadores que envolveu todos os continentes e, internamente, os dilemas do pós-abolição no país, entre políticas para atrair trabalhadores e para promover o branqueamento do povo brasileiro. Do mesmo modo, atentou-se para as produções historiográficas sobre os impactos da economia gomífera sobre a Amazônia, que impulsionou a entrada de capitais, inclusive para o desenvolvimento de obras de infra-estrutura e comunicações que demandaram trabalhadores de muitos países. A pesquisa utilizou os periódicos publicados no Pará no começo do século XX, mais precisamente alguns jornais diários, visualizando as barbadianas e os barbadianos no cenário de Belém, entre os desafios de ser negro e estrangeiro, buscando trabalho, moradia e formas de sobrevivência, mas também tecendo relações e enredando sociabilidades. Os resultados demonstram que nas fontes analisadas (os jornais) os barbadianos são mencionados nas seções que trazem “fatos diversos” e alvejam os populares em meio aos dramas sociais cotidianos, entre casos de polícia, desavenças nas ruas ou habitações que juntavam os mais pobres e imigrantes (como as estâncias), em meio à desordem e entre os “indesejados” na capital que vivia um momento de grande efervescência econômica e cultural, com o *boom* da borracha. A imagem que constroem dos imigrantes negros destoa das construídas pelos filtros da memória dos descendentes e de muitos antigos moradores da cidade. Ao mesmo tempo, tais experiências suscitam outros olhares sobre a Belle Époque e a visibilidade dos negros no país na historiografia e no ensino de História.

Palavras-chave: negros, imigração, Amazônia.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

Simpósio temáticos: 143, 147 ou 047.